

Ser ou não Ser? Eis a questão!
Uma análise da crise de identidade Igreja na Idade Média

Claiton André Kunz¹

1 Possui graduação em Teologia - Seminário Teológico Batista de Ijuí (1999 - curso livre), com integralização pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (2010); mestrado em Teologia (NT) pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo (2003 - curso livre); mestrado em Teologia (Bíblia) (2006) e doutorado em teologia (2013) pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo. Também é Bacharel em Filosofia pela UNIJUÍ (2007). Atualmente é professor, coordenador acadêmico e diretor da Faculdade Batista Pioneira, e editor responsável da Revista Batista Pioneira (ISSN 2316-462X - impressa; ISSN 2616-686X - on line). Também é professor do Curso de Mestrado Profissional em Teologia da Faculdade Teológica Batista do Paraná e editor da Revista Via Teológica (ISSN 1676-0131 - impressa; ISSN 2526-4303 - on line).

RESUMO

A Igreja, em seus 2000 anos de existência, tem passado por diferentes momentos, nem sempre tão gloriosos. Um longo período, geralmente denominado de Era das Trevas, representa a crise na qual a Igreja se encontrou durante a Idade Média, na busca se sua auto-afirmação, por vezes como Ciência, como Estado, e, por incrível que pareça, como “Igreja”. Definir o seu exato papel durou alguns séculos, se é que se pode afirmar que hoje tenha seu papel definido. Não obstante, neste tempestuoso período da história não faltaram nem de bates, nem lutas, nem sangue e nem fogo.

ABSTRACT

The Church, in your 2000 years of existence, it has been going by different moments, not always so glorious. A long period, usually denominated of it Age of the Darkness, it represents the crisis in the which the Church was during the Medium Age, in the search one sweats self-assertion, per times as Science, as State, and, for incredible that it seems, as “Church.” To define your exact role lasted some centuries, if it is that one can affirm that today has your defined role. In spite of, in this stormy period of the history they didn’t lack nor you discuss, you struggle, nor blood and nor fire.

Introdução

A Idade Média representa uma época de terríveis turbulências, comumente conhecida como a Era das Trevas. A Igreja, ou a instituição que se denominava Igreja (Igreja Católica), livre dos domínios de grandes impérios do passado, sente-se no direito de dominar a Ciência e o Estado. Cria então uma instituição oficial – a Santa Inquisição (que de santa tinha apenas o nome) – com a qual executa seus propósitos baseados no puro desejo de poder.

O filme *O Nome da Rosa*² baseado no livro de mesmo nome, do autor Umberto Eco, retrata de forma clara e objetiva este período da história. Em seu enredo, embora romanceado, transparecem os meios pelos quais a Igreja Oficial executava suas intenções e decisões.

2 Sob a direção de Jean Jacques Annaud, lançado no Brasil em 1986.

É nesta época que surgem os mais horríveis instrumentos de tortura conhecidos em toda a história da civilização humana.³ Criados para punir qualquer um que discordasse das ideias e intenções da Igreja. Criados justamente pela instituição que deveria primeiramente defender os direitos do ser humano.

Assim, com a concepção de domínio absoluto sobre tudo e sobre todos, a Igreja deixa de cumprir seu propósito para o qual existe e foi criada, para invadir outras esferas de atuação.

I - Queria ser Ciência

A Igreja dominou por séculos as formas e o direito de pensar, dando-se o luxo de permitir o que quisesse e de proibir qualquer coisa que com ela discordasse. As formas de razão e Ciência então existentes, não tinham nenhuma autonomia. Todo e qualquer conhecimento era baseado no princípio de que a razão era dada unicamente pela fé.

Um exemplo clássico deste domínio autoritário, é visto em Galileu Galilei, já em fins do século XVI e início do século XVII. Ainda nesta época, embora a Reforma e a Renascença tenham ganho muito espaço, a Igreja reserva-se o direito de determinar as verdades científicas. Galileu, baseado no sistema de Copérnico⁴, defendeu que a terra gira em torno do seu próprio eixo e que ao mesmo tempo gira em torno do Sol, que era o centro do sistema planetário. Produziu a defesa do seu sistema no “Dialogo sopra i due massimi sistemi del mundo” (Diálogo entre os dois principais sistemas do mundo), considerado “herético e absurdo” pela Igreja Católica.

Sua obra foi entregue à Inquisição e, aos 70 anos, teve de comparecer perante o tribunal. Num processo que durou vinte dias, onde mal pôde se defender, pronunciou de joelhos, perante os juízes, a abjuração da sua doutrina. Conta a tradição que, ao levantar-se, exclamou: “E pur si mueve” (Contudo, ela [a terra] se move).⁵ Somente três séculos

3 Entre outras, a obra de Alcides Conejero Peres, “A Inquisição e os instrumentos de tortura da Idade Média”, mostra alguns destes instrumentos e os métodos de suplício adotados pela perseguição católica.

4 Nicolau Copérnico havia definido a teoria heliocêntrica em sua obra “Das revoluções dos Corpos Celestes”, também condenada pela Inquisição (WILLIAMS, T. Cronologia da história eclesiástica, p. 81).

5 BIBLIOTECA DE AUXÍLIO /1.0 SISTEMA EDUCACIONAL, p. 1620.

mais tarde a Igreja Católica reconheceu que Galileu estava certo em suas concepções.

Na verdade, toda a Idade Média é norteadada pela disputa entre razão e fé. Por um lado, o realismo com o conceito de universalia ante rem (eu creio a fim de que possa conhecer). O realismo moderado ou conceptualismo, defendendo a universalia in re (eu conheço a fim de que possa crer). E, finalmente, o nominalismo com a universalia post rem (eu creio - separado do que eu conheço).⁶ Esta diversidade de conceitos gerou os mais acirrados e controvertidos debates. Entretanto, como a Igreja era a dona absoluta da verdade, qualquer obra que levasse para o lado de uma liberdade da razão em relação à fé era proibida e queimada.

Mas, como querer ser Ciência “podando” o direito de exercer o pensamento? Como querer dominar a razão proibindo o exercício intelectual? Ou seja, os líderes de então não pensavam e também não deixavam pensar. Sentiam-se ameaçados por pessoas simples que, pensando, pudessem desvendar os erros que neles havia.

II - Queria ser Estado

A Igreja Oficial da Idade Média também dominou impérios, reis e povos. A sede pelo poder – claramente condenada pelas Escrituras tornou-se a cilada para a própria Igreja. Este poder era necessário para proteger sua riqueza, enquanto que a riqueza era necessária para sustentar o poder. A busca deste binômio – riqueza e poder – levou a igreja às mais horríveis práticas possíveis neste longo período de trevas.

Inocência III, no ano de 1198, expressa com clareza o conceito da Igreja Católica a respeito do seu poder em relação ao poder do Estado, quando afirma:

O Criador do Universo colocou dois grandes luminares no firmamento do céu; o luminar maior para governar o dia e o menor para governar a noite. Da mesma forma para o firmamento da Igreja universal, da qual se fala como sendo o céu, Ele apontou duas grandes dignidades: a maior para exercer o governo sobre as almas (como se estas fossem os dias), a menor para exercer governo sobre os corpos (como se estes fossem as noites). Essas dignidades são a autoridade pontifícia e o poder real. Além disso, a lua tira a sua luz do sol e é, na realidade, inferior ao sol, tanto

6 CAIRNS, E. E. *O Cristianismo através dos séculos*, p. 198.

em tamanho e qualidade, como em posição e efeito. Da mesma forma, o poder real tira sua dignidade da autoridade pontifícia...⁷

Já em meados de 1076, Gregório VII mostrara na prática este conceito, depondo Henrique IV do poder do Império. Invocando o “bem-aventurado Pedro, chefe dos apóstolos”, Gregório VII escreve:

Especialmente a mim, como teu representante, foi entregue e a mim foi dado pela graça de Deus o poder de atar e desatar nos céus e na terra. Apoiando-me, portanto, nessa fé, para a honra e defesa da Igreja e em nome do Deus onipotente, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, pelo teu poder e autoridade, retiro o Rei Henrique, filho do Imperador Henrique, o governo de todo o reino dos germanos e da Itália. Porque ele se levantou contra a tua Igreja com orgulho e arrogância. Liberto todos os cristãos do vínculo do juramento que fizeram, ou fizerem em favor dele. Proíbo a qualquer pessoa lhe sirva como rei, pois é justo que quem tende a diminuir a honra da tua Igreja perca até mesmo a honra que parece ter. E, visto que ele desprezou a obediência cristã e não voltou ao Senhor que abandonou – mantendo relações com os excomungados; cometendo muitas iniquidades; desprezando meus conselhos que, como és testemunha, lhe dei para a sua salvação, separando-se de tua Igreja e tentando dividi-la – em teu nome eu o ligo com o vínculo do anátema.⁸

Entretanto, Cristo já lançara as bases da separação entre Igreja e Estado quando respondeu aos escribas e principais sacerdotes, ordenando-lhes que dessem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus (Lc 20.19-26). Igualmente Paulo, ao escrever a Tito, lembra que os cristãos devem se sujeitar aos que governam, às autoridades, sendo obedientes e estando prontos para toda boa obra (Tt 3.1).

Guilherme de Ockham, no século XIV, falou do poder “ministrativus” e do poder “dominativus”.⁹ A Igreja da Idade Média, enquanto se preocupava com o poder “dominativus”, deixou de exercer o poder “ministrativus”, para o qual ela existe. Sua função não é governar ou dominar, mas servir e ministrar.

Deixou de cumprir seu papel, para fazer o que não era capaz e nem lhe era por direito.

7 Apud, BETTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã*, pp. 1 88, 189.

8 Apud, BE TTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã*, p. 177.

9 FRAGA, P. D. *Liberdade da Razão versus Dogmática da Fé*, p. 4.

III - Devia ser Igreja

A Igreja, como já dito, existe para servir e ministrar. Existe primeiramente para tratar da fé do ser humano. Não obstante, foi exatamente o contrário que a Igreja Medieval praticou. Seu Livro por excelência – a Bíblia – não estava à disposição dos fiéis. Lutero, o grande reformador, foi um eclesiástico toda a vida e já era um homem feito quando disse “nunca vi uma Bíblia”.¹⁰ Deparou-se com uma Bíblia completa somente aos 19 anos, quando encontrou uma acorrentada na biblioteca de um mosteiro.

Sobre João Wycliffe, o pré-reformador do século XIV, afirma-se que quando tentou apresentar a Bíblia no vernáculo (inglês), foi sentenciado à morte. A Inquisição não conseguiu apanhá-lo antes de sua morte, e então os inquisidores desenterraram seus ossos e os queimaram em 1428.¹¹ Quando alguém era encontrado com um exemplar da tradução de Wycliffe, o exemplar era amarrado ao redor do seu pescoço e essa pessoa era queimada publicamente.¹² É incompreensível que o mais temível inimigo da Palavra de Deus, nesta época, tenha sido a própria Igreja.

Também as “celebrações” não eram feitas na língua do povo, mas apenas na língua “oficial”, independente de compreensão ou não. Compreender as verdades bíblicas não fazia diferença nenhuma. O que importava era obedecer aos dogmas eclesiásticos e às decisões dos santos homens investidos de poder pela Sé Romana.

A salvação do ser humano era negociada como uma simples mercadoria e, portanto, conseguida através de aquisição financeira, independentemente do exercício da fé. Gonzalez, falando sobre a Inquisição e sobre os inquisidores, afirma que Tetzl e seus subalternos proclamavam que a indulgência que vendiam deixava o pecador “mais limpo do que saíra do batismo”, ou “mais limpo do que Adão antes de cair”, que “a cruz do vendedor de indulgências tinha tanto poder como a cruz de Cristo” e que, no caso de alguém comprar uma indulgência para um parente já morto, “tão pronto a moeda caísse no cofre, a alma saía do purgatório”.¹³

João Tetzl, o famoso vendedor de indulgências de Leipzig, veemen-

10 CRISWELL, W. A. *A Bíblia para o mundo de hoje*, p. 135.

11 LANE, T. *Pensamento cristão: dos primórdios à Idade Média*, p. I 72.

12 CRISWELL, W. A. *Op. Cit.*, p. 135.

13 GONZALEZ, J. L. *A Era dos Reformadores*, p. 53.

temente combatido por Lutero, chegou a fazer afirmações aberrantes como a que segue:

Eu não trocaria por certo meus privilégios pelos que tem São Pedro no céu; porque eu tenho salvo mais almas com minhas indulgências do que o apóstolo com os seus discursos... Vinde ouvintes, e eu vos darei cartas munidas de selos, pelas quais até os pecados que tiverdes vontade de cometer no futuro vos serão todos perdoados...¹⁴

Tudo isso mostra que a Igreja daquela época estava mais preocupada com o dinheiro e os bens do que com as almas e fé dos seus fiéis. Frente a isto, o próprio Cristianismo precisou levantar-se contra a sua instituição. Os movimentos de Reforma no século XVI são a reação do Cristianismo contra a Igreja Oficial da Idade Média. Homens como Lutero, Zuínglio, Calvino, os anabatistas e tantos outros, lutaram para que a Igreja voltasse a exercer seu devido papel.

CONCLUSÃO

Não se está afirmando com isso que Igreja não tem nada a ver com Ciência ou com o Estado, e vice-versa. A Bíblia é muita clara em orientar qual é o envolvimento do cristão com estas esferas. O objetivo do presente estudo foi apenas mostrar que a Igreja não deve assumir tarefas que não lhe foram designadas, para que não acabe por negligenciar sua própria missão.

Igualmente, resta lembrar que não é função do Estado e nem da Ciência tratar das questões de fé do ser humano, como se pudessem substituir a Igreja e o Cristianismo. Estas duas esferas têm cometido os mesmos erros que a Igreja durante este longo período de trevas na Idade Média.

Ser ou não ser? Eis a questão. Querendo ser o que não era, acabou por não ser nem o que devia. Assim, não era nem Ciência, nem Estado e nem Igreja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTENSON, Henry (edit). *Documentos da Igreja Cristã*. Trad. Helmuth Alfred Simon. 3.ed. São Paulo: ASTE, 1998. 452 p.

14 BUYERS, P. E. *Martinho Lutero: homem que abalou o mundo*, p. 63.

BIBLIOTECA DE AUXÍLIO AO SISTEMA EDUCACIONAL. São Paulo: Iracema, 1996. Vol. 5

BUYERS, Paul E. *Martinho Lutero: o homem que abalou o mundo*. São Paulo: Junta Geral de Educação Cristã da Igreja Metodista do Brasil, 1949. 127p.

CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo através dos séculos*. Trad. Israel Belo de Azevedo. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 508 p.

GONZALEZ, Justo L. *E até os confins da terra: uma história ilustrada do Cristianismo*. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1995. Vol. 3,4,5,6.

LANE, Tony. *Pensamento cristão: dos primórdios à Idade Média*. 2.ed. Trad. Eliseu Pereira. São Paulo: Abba Press, 2000. 206 p.

PERES, Alcides Conejero. *A Inquisição e os instrumentos de tortura da Idade Média*. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. 191 p.

WILLIAMS, Terri. *Cronologia da História Eclesiástica*. São Paulo: Vida Nova, 1996. 112 p.